Leonardo Sciascia: um moralista meridional

Silvia La Regina

Publicado em Leonardo Sciascia. *O mar cor de vinho.* São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2001. p.10-17

Se para a maioria, ou aliás a totalidade, dos autores apresentados nesta série é relevante e fundamental a referência da região à qual eles pertencem – a caracterizar uma interpretação da literatura italiana e de suas manifestações literárias de acordo com suas «concretas determinações histórico-geográficas», como escreveu Carlo Dionisotti, – para Leonardo Sciascia isto é ainda mais verdadeiro. De fato, o escritor de Racalmuto (1921-1989) tem como característica essencial e geradora a sua *sicilianidade*, e a Sicília, seus habitantes, suas cidades, suas tradições, seus seculares e dramáticos problemas são protagonistas quase que únicos na narrativa de Sciascia. Sua obra – extremamente extensa e composta por romances, contos, poesia, teatro, ensaios – raras vezes saiu do contexto siciliano: contexto porém que, ao invés de caracterizar um escritor regionalista, é contínua fonte de reflexão filosófica e moral sobre a situação italiana como um todo e sobre determinadas posturas práticas e sobretudo mentais que, quando não universais, pelo menos podem ser consideradas próprias de uma certa «atitude meridional» que engloba em si sicilianos, espanhóis, árabes, enfim, aquele sul do Mediterrâneo tradicionalmente desprezado e situado numa categoria rica de estereótipos (começando por Montesquieu: «Aproximem-se dos paises meridionais e acharão que estão se afastando da própria moral; paixões mais vivas multiplicarão os crimes; cada um tentará tirar dos outros cada vantagem que possa favorecer estas paixões») mas que hoje, aliás, é reavaliado enquanto portador de nova linfa vital na literatura.

A atitude de Sciascia, escritor empenhado por antonomásia, sempre foi marcada por um extremo rigor ético e moral, emprenhado dos valores iluministas que para o escritor eram essenciais e irrenunciáveis, presentes de forma clara no *Il consiglio d'Egitto* (1963), um dos seus maiores romances, definido por alguns como «o anti-*Gattopardo*» por representar, ao invés da Sicília imóvel e resignada dos príncipes Salina, a Sicília mobilizada na generosa (porém derrotada) vontade de renovação dos movimentos jacobinos do final do século XVIII; ou, talvez de forma ainda mais clara, em *Candido ovvero un sogno fatto in Sicília* (1977), *conte philosophique* que no próprio título declara sua dívida para com Voltaire. O escritor inclusive foi atuante na política, antes como vereador pelo PCI e sucessivamente como deputado pelo Partido Radical; mas ao longo de toda sua obra a política, entendida como valor ético (ou, nos casos específicos, como prática completamente desprovida de ética) ocupa um espaço central, analisada de forma lúcida e dolorosa nas suas relações com a sociedade e principalmente com a máfia. E eis o âmago da obra de Sciascia: a máfia, a estrutura de poder radicada intima e profundamente em toda a ilha, que representa, como escreveu Pasolini na resenha de *O mar cor de vinho*, «o centro propulsor ... o "motor imóvel" da história siciliana», cuja venenosa periculosidade para a Sicília e a Itália Sciascia denunciou desde 1961 – antes, portanto, da instituição da Commissione Parlamentare Antimafia, em 1963 – no romance *Il giorno della civetta*. Este foi o livro de maior sucesso do autor, contabilizando mais de um milhão de exemplares vendidos: apesar de não conter nenhuma concessão ao fácil, ao agradável, enfim, sem alisar ou confortar o leitor, e apesar de apresentar, no seu desfecho, a derrota da Lei e do Estado – dois dos três protagonistas abstratos do romance, sempre presentes na interação com os personagens concretos e humanos – perante a Máfia, o outro protagonista, cínica e inelutavelmente triunfador. Neste romance Sciascia introduz um dos seus recursos mais originais e bem sucedidos, presente em várias obras sucessivas (como nos romances *A ciascuno il suo*, 1966 e *Il contesto*, 1971, ambos centrados sobre a máfia): o esquema e o modelo do romance policial, ainda que não tradicional; e mais uma vez deve-se admirar a modernidade precursora de Sciascia, se pensarmos que na atualidade o policial é um gênero praticado transversal e inovadoramente por autores egressos de outras experiências – Antonio Tabucchi, Martin Amis, Bernardo Carvalho – com a capacidade, nos seus êxitos melhores, de apreender e descrever a mobilidade inquieta e inédita da sociedade contemporânea. No caso de Sciascia, o modelo do romance policial responde também a uma específica estratégia para prevenir a distração e a desatenção do leitor: apesar de normalmente não haver mistérios a serem

desvendados, mas apenas a luta de um herói solitário (como um capitão dos carabineiros ou um professor) contra um poder mais forte do que o Estado, e que por isso é destinado a esmagar seus opositores – um poder que por si é ao mesmo tempo político e mafioso, como lemos no posfácio do *Il contesto,* definido como «apólogo sobre o poder no mundo ... poder que cada vez mais degrada-se na forma impenetrável de uma concatenação que aproximadamente podemos dizer mafiosa». O próprio Sciascia representa uma voz solitária e de grande, indiscutida altura moral em sua luta (armada de ironia e sarcasmo) contra a máfia: uma lição de lúcido e desiludido moralismo e compromisso civil.

O estilo do autor é indubitavelmente realista: de um realismo que ao mesmo tempo é devedor dos mestres da literatura italiana meridional e especificamente siciliana (De Roberto, Verga, Pirandello) assim como dos grandes da literatura européia: Balzac, Maupassant, Flaubert. Nas palavras de Pasolini, «a severidade, quase sombria, da escrita de Sciascia é devida ... à incessante angústia de nobilitar as estórias vividas em estórias pensadas». E realmente o estilo de Sciascia não tem as volutas, os barroquismos, o patos próprios de muitos escritores sicilianos, mas é sóbrio e contido: mais uma vez, iluminista. Uma outra característica notável é a total ausência de vocábulos dialetais: se a Sicília é o centro de toda ação e de toda reflexão, a sua peculiaridade lingüística permanece ausente, como pode ser constatado no próprio *O mar cor de vinho*: unicamente no conto homônimo aparece uma frase em siciliano, e é uma citação de uma peça de Martoglio, feita pelo professor. Neste mesmo conto, aliás, há algumas pequenas nuances dialetais – mais em nível de italiano regional, porém, do que especificamente de dialeto, e unicamente nas falas de alguns dos personagens, enquanto a voz do narrador permanece, como sempre, lingüisticamente neutra. Certamente esta escolha estilística de Sciascia decorre da intenção de alcançar a clareza, a parcimônia expressiva, enfim, a objetividade: valores fundamentais para um escritor que fez da essencialidade e da discrição suas marcas distintivas. É interessante notar como um outro escritor siciliano, inclusive contemporâneo de Sciascia, Andrea Camilleri – atualmente fenômeno de vendas na Itália e em muitos outros paises, e com várias obras publicadas no Brasil – tenha, ele também, adotado o modelo do policial, da pesquisa historiográfica sobre fatos sicilianos, da perseguição de um rigor ético impossível e ainda assim vislumbrado com lúcido desespero, mas, de forma radicalmente oposta àquela de Sciascia, tenha redescoberto e por vezes até reinventado uma linguagem peculiarmente siciliana, feita de uma saborosa mistura de dialeto e língua *standard* muitas vezes inacessível a quem não conhece profundamente a ilha da *Trinacria*, como era chamada a Sicília pelos gregos.

Deve ser lembrada a vocação didática – novamente, de cunho iluminista – de Sciascia, que, de família pobre, na década de ’50 foi professor primário. Aliás, a família do escritor trabalhou nas *zolfare*, as minas de enxofre, *locus* literário siciliano por excelência (como nos contos «Ciaula scopre la luna» de Pirandello ou «Ruivo pelo-ruim», de Verga, que pode ser lido em *Cenas de vida Siciliana*), longa história de injustiça social e sofrimento que condenara a família de Sciascia a um papel subalterno e que motivou o desejo do autor de resgate através da cultura, como pode ser lido num trecho autobiográfico de *Le parrocchie di Regalpietra* (nome fictício atrás do qual se esconde Racalmuto), escrito em 1956: «Homens do meu sangue trabalharam desde crianças nas *zolfare* ou lavrando nos campos ... nunca para eles uma carta boa, sempre cartas ruins, sempre a enxada ou a noite na *zolfara* ou a chuva batendo nas costas. Numa dada altura, eis uma carta boa, eis o mestre de obra, o funcionário público; e eu que não trabalho com os braços e leio o mundo através dos livros. Mas é tudo demasiadamente frágil, gente do meu sangue pode ser jogada novamente na miséria, pode voltar a ver nos olhos dos filhos o sofrimento e o rancor. Até quando houver injustiça no mundo, sempre, para todos, haverá este laço de medo».

Em sua carreira de professor, Sciascia teve de desempenhar o papel de um estado sentido como inimigo pela população: para os sicilianos, anexados ao Reino da Itália em 1860, o estado representava o serviço militar e a escola obrigatória – logo, braços roubados à lavoura, logo, mais miséria – e a imposição de uma língua e um modelo cultural sentidos como profundamente estranhos. Para Sciascia, intelectual progressista, era problemático ser portador de uma cultura impositiva e de certa forma opressiva; ele tinha claro, porém, que apenas através da assimilação daquela língua e através da instrução seus alunos poderiam libertar-se do estado de subalternidade e miséria ao qual estavam fadados. A experiência do ensino, que ele próprio definiu frustrante e fadada à derrota, teve grande importância na definição do seu público alvo – quanto mais amplo possível – e de seu estilo, nítido e claro; e provavelmente tenha sido fundamental também na escolha de uma língua neutra, quanto mais possível abrangente e, como se dizia, sem traços dialetais.

Sciascia morreu em 1989, sem nunca ter querido abandonar a ilha – diferentemente de outros intelectuais sicilianos, que foram morar no *continente*, como Vittorini, Guttuso, Quasimodo, Brancati - vendo confirmadas suas lúcidas previsões sobre a avançada da máfia, não só na Sicília como em toda a Itália; não teve a satisfação de assistir à degeneração última da estrutura de poder que governou a Itália desde 1945 – e na verdade desde muito antes – e a decepção de vê-la imediatamente renascer sob novo nome e novas formas, mas com a mesma capilar estratégia de dominação; não conheceu a extrema derrota do Estado, que coincidiu com o assassinado pelos mafiosos dos juizes Falcone e Borsellino. A luta contra a máfia continua.

O mar cor de vinho é uma coletânea de contos publicada em 1973, e que, como se lê na Nota escrita pelo autor, reúne na verdade contos publicados em diferentes épocas e circunstâncias. Justamente por terem sido escritos no arco de catorze anos, de 1959 a 1973, estes contos representam uma excelente antologia dos temas, do estilo, enfim das características do autor. É interessante notar como dos treze contos que compõem a coletânea, apenas dois, Jogo de sociedade e Processo por violência, não se passem na Sicília ou não tenham ligação com fatos ou personagens sicilianos: Jogo de sociedade tem protagonistas indistintos que moram em Roma, e Processo por violência relata um acontecimento do século XIX no norte da Itália.

Em vários deles (Reversibilidade; Processo por violência; Eufrosina) observamos o interesse de Sciascia pelos dados documentais ou históricos, inseridos e trabalhados por ele em textos ficcionais mas que não perdem sua concreta dimensão de historicidade; dados que de qualquer forma estão presentes também em todos os textos, mesmo que com menos intensidade: era fortíssima a ligação de Sciascia com a realidade, a história, a sociedade. Tanto é, como ele próprio sublinha na Nota, que muitos textos podem ser situados cronologicamente pelas referências internas a acontecimentos ou personagens – como é o caso de A remoção (o repúdio a Stalin pelo PC russo e a conseqüente remoção de seus restos do mausoléu na Praça Vermelha), ou Filologia, que, no cínico diálogo etimológico entre dois mafiosos, um poderoso homem político e um submisso executor de ordens, contém referencias pontuais à instituição da Commissione Parlamentare Antimafia. A máfia, naturalmente, é um dos personagens mais recorrentes: além de Filologia, onde vemos nitidamente o conluio entre máfia e poder político, ela aparece em Bangue Bangue de máfia (onde os mafiosos, perante a insustentável situação de instabilidade e perigo «Não acharam nada melhor do que solicitar seus políticos a solicitarem dos carabineiros uma investigação séria, rigorosa, eficiente»), é negada por alguns personagens de O mar cor de vinho, é evocada em A prova, enfim paira, por vezes silenciosamente, na inteira coletânea. O único conto que foge ao realismo tão peculiar de Sciascia é a estória de Giufà, que inclusive foi o único a ser revisado e rescrito pelo autor e é uma cínica e cômica fábula baseada no folclore siciliano.

Enfim, deve ser lembrada a profunda e profícua relação de Sciascia com o cinema: como ele próprio lembra, dos contos de *O mar cor de vinho* foram tirados três filmes, que se juntam aos outros baseados na obra de Sciascia (como *Todo modo*, *Il giorno della civetta*): mais um testemunho da vitalidade e da atualidade da obra e da linguagem do escritor, cuja capacidade de representar a sociedade possivelmente não tenha iguais na literatura italiana.